



entrevista com
zé moacir

Entrevista com José Moacir de Souza (Zé Moacir), cantador repentista. Nascido em Pereiro-CE, dia 16 de junho de 1941. Entrevista realizada na Feira da Guariroba em Ceilândia-DF, dia 14 de maio de 2018. Entrevistadores: Domingos de Salvi, Sara de Melo, Daniel Choma e Tati Costa.

Este projeto foi realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

Domingos: O senhor é natural de onde?

Zé Moacir: Eu sou natural do Ceará, de uma cidade que fica em cima de uma serra, no Vale Jaguaribano: Pereiro.

Domingos: Como foi lá na sua infância?

Zé Moacir: Infância foi... Papai era agricultor, lidava com animais, com gado, trabalhando na roça. É o comum do nordestino, não é? Então minha vida foi essa, aprendi muito novo, cordéis. Nesse tempo a gente não chamava Cordel, a gente tinha o nome de romance, histórias. Aqueles poetas antigos escritores de cordéis... Que hoje é Cordel por causa do movimento criado sobre os feirantes, que vendiam nas feiras aqueles cordéis pendurados num varal. Aí chamavam Cordel, cordão, Cordel. Aí botaram Cordel. Poesia de Cordel... Aí eu aprendi vários romances. Eu cantava trinta e tantos, menino ainda. A primeira Cantoria que fiz como cantador eu tinha quatorze anos. Inesperadamente, fui num animal do meu pai, ele montado na frente e eu na garupa, tão musculoso eu era... Raquítico, fino, mas disposto. Era pra cantar os romances eu fui, quando cheguei lá tinha um cantador de fora, era de Juazeiro do Norte, do Cariri, era o nome e tal, fizeram um assombro. Cantar com ele deu certo. A primeira Cantoria. Depois tive uma pausa, não cantei, passei uns tempos sem cantar e aos dezesseis anos aí peguei definitivo, cantando com os cantadores. Depois viajei, comecei a viajar com vários cantadores: Teixeira de Lima, Louro Branco, Azulão do Norte, Geraldo Amâncio e vários. Programa em rádio eu fiz também vários, em Araripe do Crato, cidade grande do Ceará, grande assim por causa das cidades. Juazeiro do Norte é a maior cidade do interior do Ceará e Crato está parece que em quarto lugar. Muito bom, me acostumei. Quando foi em 1976 aí vim pra Brasília. Gostei daqui o movimento, povo com muito dinheiro... Nesse tempo a gente cantava muito nas feiras, era apresentar e o povo do Nordeste - aquele pessoal saudoso com a família que tinha ficado lá e outros que estavam com a família aqui mas não escutavam mais Cantoria -, vinha pra cá [pra Feira da Ceilândia-DF], aí era muito animado. Depois deu uma maneirada, mas houve o trabalho da Casa do Cantado em que trabalhamos demais, eu fui um dos enfrentantes pra cantar. Cantei no tempo de José Aparecido, um ótimo governador que foi aqui em Brasília pra cultura, nos recebeu muito bem e deu a força maior. Nesse tempo era Sarney também o presidente, mas antes do Sarney já vinha o começo do trabalho. Cantamos pra o Celso Furtado que era nordestino também, criado no exterior mas nordestino, paraibano. O ministro Celso Furtado assistiu, gostou demais, e com esse pessoal eu cantei dentro da Fenacreps - era o Gonçalo Gonçalves na época. E a gente trabalhou muito, isso a gente deve a ele, trabalhou muito mesmo, enfrentou. Depois o Zé Aparecido se comprometeu e então nós fomos num almoço na casa do governador em Águas Claras. Ele nos recebeu muito bem, foi um [ônibus] de cantadores... Vieram muitos cantadores do Nordeste, era o tempo do festival. Aí fomos a um almoço lá a convite dele, foi muito bom. Daí ele veio à inauguração [da Casa do Cantador], o presidente Sarney na época e Oscar Niemeyer vieram, Celso Furtado e várias autoridades vieram, foi muito prestigiado. Estava superlotada a Casa do Cantador, tinha muita gente, foi muito bom. E assim a gente vive desenvolvendo a nossa cultura. Aparece um convite a gente

vai, aparece uma apresentação pelo governo a gente faz, que sempre tem os projetos. O nosso diretor, o Marques, também trabalha muito sobre a cultura, ele é o presidente da Asfórró mas acolhe a gente e faz uma inter-relação, intercala. E a gente canta, canta em feira, apresentações assim como esta, nós estamos numa feira, aqui. Já cantei na Rádio Nacional, várias vezes. Ela vem na Feira da Guariroba, feira do PSul... Outros chamam Feira da Guariroba, já sabe que é aqui. Então aquele pessoal que já está na feira aglomera e a gente faz apresentação na Rádio Nacional, na feira. É, ela vem à feira e o Marques tem um programa também do forró nas feiras, é uma coisa muito excelente, e a cultura se expande rapaz. Depois a Casa do Cantador abraçou a música sertaneja também, aí tem apresentações, Zé Mulato mais Cassiano, eles já vieram várias vezes e vários sertanejos cantaram aqui.

Domingos: As feiras são bons lugares pra fazer Cantoria?

Zé Moacir: A feira é aglomeração do povo. O povo vem fazer alguma compra... A mulher vai comprar e o marido sempre gosta de tomar uma cervejinha, uma coisa, vai pro ponto que tem o divertimento: é a Cantoria. Aí canta na feira, é muito bom, é tradição dos cantadores, tradição. Aqui teve um tempo que no centro de Ceilândia tinha um caminhão, nesse tempo era o Gilberto Braga. Você é muito novo, não lembra, e é de fora. Lá a gente cantava em cima do caminhão, era o palco. E rapaz, ficava muita gente, muita gente... Muito bom. E assim a gente vai levando o nosso trabalho.

Domingos: Como era Brasília quando o senhor chegou?

Zé Moacir: Brasília... Lama, poeira, trabalho pesado, falta de transporte e de estrada. Não tinha... Aqui mesmo quando eu cheguei tinha pouco asfalto, pouquíssimo, era mais a terra compactada. Passava o trator vinha a chuva estragava, atolava ônibus. Os ônibus eram uma Pioneira, a Pioneira saía que era uma tristeza, do Alvorada até Taguatinga. E outro que era assim de gente... Foi muito sofrido aqui, viu? Muito sofrido, mas muito gostoso. O povo não era agitado como hoje em dia, porque naquele tempo o menor obedecia os pais, trabalhava, certo? E não tinha roubo. Você podia andar, receber seu pagamento, sabia que ali você ia fazer sua feira, comprar seu necessário, não tinha problema de assalto. Não tinha nessa época, foi um tempo bom. Sofrido, mas ótimo. Igualmente o que a gente viveu no lugarejo de roças, longe da cidade, sem carro, com animal, mas era gostoso.

Domingos: Nós estamos aqui em Celiândia. O senhor pode falar um pouquinho sobre Ceilândia e essa relação com a cultura nordestina?

Zé Moacir: Ceilândia é a cidade nordestina. Gente, o que tem de nordestino... Tinha, certo? Hoje em dia é brasiliense, não é? Que é o filho... Pois o camarada veio solteiro, casou com uma mineira, casou com um goiano, casou com um outro de fora. Ou veio casado de lá ou voltou e casou na terra dele, mas veio pra cá... Certo? Esse pessoal mais velho era nordestino, a cidade nordestina. Hoje é misto. É filho de nordestino. "Ah, meu pai gostava muito, meu pai admirava [a Cantoria], faltava outra coisa, mas para isso de cantador não

faltava.” Era um LP grande que tinha, vinil... E assim era Ceilândia, acolhedora. Sempre a gente cantava nas casas, cantava nos bares. Nos bares a gente cantava... Hoje o povo não está mais querendo por causa da malandragem. A gente canta, mas o camarada é um olho lá outro cá, com cuidado. Ainda faz, mas não é como antes. Aniversários a gente faz, mas agora procuram um clube, vai para um lugar mais diferente... Não é aquela tradição de uma cadeira forrada, você se sentava e ia cantar para o povo num banco, banquinho assim. Lá tem uns bancos de aroeira, uma madeira que tem lá que é muito tradicional, chama aroeira, muquém. É muquém, chama aroeira, que o povo conhecia tradicionalmente aqui - era a mesma coisa naquelas casas, aquelas cadeirinhas. A gente cantava. Hoje aquilo é mais sofisticado, o povo melhorou um pouco de situação, diz: “bota aí um forró, alguma coisa. Um forró não, uma música diferente, um balançado.” Um balançado que eles chamam é rap, um negócio... O povo jovem convence os velhos... Mas às vezes dá, a gente vai tirando a vida ainda.

Domingos: Voltando um pouquinho na história, como foi o seu contato com a viola, como você aprendeu a tocar?

Zé Moacir: Unicamente só. Unicamente já é só, mas nunca tive professor, alguma coisinha que eu faço do nosso estilo e só. Ouvia, aí gravava na mente, passava... Porque não tinha [gravador] nessa época, era bem difícil, interior não tinha, não tinha nem energia, não tinha nada. Era pilha para botar nos primeiros gravadores! Mas eu aprendi. Uma palhinha? [*Toca baião de viola na viola dinâmica, instrumental.*]

Domingos: E como foi que adquiriu sua primeira viola?

Zé Moacir: Ah, engraçado, é uma história que eu vou te contar... Meu pai era um profissional, carpinteiro de mão cheia. Na época, não tinha ferramenta industrializada, era tudo aquele rústico grosseiro... Mas ele fazia de tudo. Aí contou-me que quando era jovem fez uma rabeca pra ele, um tipo de uma rabeca. E contou o sistema que fez. E ele tinha ferramenta, ele também fazia uns trabalhos extras, fora, saía com ferramentas fazer bulandeira, que era uma distribuidora de fazer a farinha. Lá no Nordeste, hoje já não tem mais, é a motor, acabou-se aquele negócio... Mas antes tinha aquela bulandeira, era um animal que fazia aquilo. Na época era importante, tinha que fazer aquilo tudo na matemática, de um jeito certo para aquela madeira encaixar ali e movimentar aquilo lá. E o papai fazia tudo. Tinha convite a fazer fora, que era distante, não podia ir todo dia porque era longe, já perdia o dia... Porque era o dia de viagem para onde fosse, de acordo com o lugar. Aí ele ia e ficava lá, e deixava uma parte das ferramentas. Aí eu me lembrei e a vocação puxou pra isso. Eu tirei um pedaço de madeira lá que chama umburana de cheiro, é bem mole. Aí fiz, modelei um tipo de um cavaquinho, um instrumento. Aí perfurei com formão, risquei, cortei, fiz o bojo. Papai tinha cuidado nas ferramentas dele, chegava e: “quem mexeu aqui Carmélia?” Aí ela diz: “Moacir”. “O que você está fazendo?” Eu disse: “nada”, com medo dele brigar. Aí passava. Quando a outra vez: “quem mexeu nas minhas ferramentas?” “Moacir.” “O que Moacir estava fazendo?” Eu digo: “nada, pai.” Aí ele disse:

“ah, um dia eu vou ver esse nada o que é.” Ele gostava muito de mim, graças a Deus. Aí passou. Quando foi um dia ele saiu pra ir trabalhar, esqueceu uma ferramenta. Quando ele voltou pra pegar a ferramenta, ele disse: “ah, seu nada era esse, era?” Aí pegou, olhou, disse: “meu filho, deixe o texto, que eles chamam texto isso aqui, aí que eu coloco e os trastes.” Eu digo: “tá bom pai.” Aí criei algo novo que ele não brigou. Aí fui polir, fui passar, raspar com outra coisa, nesse tempo era mais difícil. Aí ele colocou o texto e os trastes. Eu aprendi nisso aí. Tipo cavaquinho, botei quatro tornerazinha, cravelhazinha que chamavam, botava duas, três, quatro, aí fazia um baião. Depois papai viu e aí deu um jeito de comprar um violão. Aí eu já sabia, já tinha visto os cantadores, colocava as cordas... Coloquei nesse sistema [da viola dinâmica]. Aí comecei a aprender a tocar e comecei a viajar com um cantador que tinha lá, que ele me viu e era amigo da família. Ele era um pouco deficiente da voz, era gago: “é, e-e-e-esse vai cantar”, ele dizia, lembro até hoje. Aí comecei a viajar com ele, naquele sistema muito perverso... Naquele tempo, meu irmão, a gente trabalhava muito, porque o povo que ia pra Cantoria queria que cantasse a noite toda. Cantar não era nada, o danado era sair no outro dia, viajar o dia todinho em cima de um animal pra cantar na outra noite. Menino... E eu fiz muito isso com ele, sofrendo subindo serra, descendo serra - porque não tinha transporte. E mesmo se tivesse não tinha estrada, não tinha nada. Era muito, muito, muito árduo... Mas gostoso. Aonde você chegava era uma festa. Espalhava aquela notícia: “os dois cantadores vêm cantar hoje”, era festa! Rádio, raramente tinha um rádio... Quando tinha aquele pessoal não possuía. Pro povo do sertão, tinha que ser ali mesmo. Aí cantava mesmo, passava a noite cantando. Aí já deixava outro trato pra vir outro dia. Depois quando voltava, fazia o mesmo trajeto, cantava pra parcelar a viagem. Era bom, passava um mês fora, passava quinze dias, passava. Um tempo depois, como lá era muito difícil, papai vendeu o nosso terreno no Ceará e comprou um no Rio Grande do Norte. Lá eu tive moleza, porque minha mãe veio a falecer com pouco tempo que a gente estava lá, aí ele casou de novo, construiu família. Mas eu comecei a sair pra cantar e daqui a pouco apareceram mais cantadores, eram muitos: Azulão, Valdecir Bezerra, vários cantadores... Teve um tempo em que vinha outros de Cajazeiras, Chico Guedes, vários, e a gente cantava. Aí apareceu lá o Louro Branco, até faleceu um tempo desses, nós viajamos [juntos] muito tempo. Ele veio pra região e eu tinha uma Cantoria, ele chegou em hoje Coronel João Pessoa, no Rio Grande do Norte, mas era Baixio de Nazaré. Gostoso... Uns chamavam ruinha, de tão pequeno era... A ruinha que era no município de São Miguel. Depois foi desmembrado e passaram pra Coronel João Pessoa, em homenagem ao ex-governador da Paraíba. Louro Branco chegou com outro cantador e foram pra minha Cantoria, chegou lá e disse: “queria que você cantasse um baião com o Louro Branco.” Aí digo: “olhe, ô rapaz, vou cantar com Louro Branco, pronto.” Aí o Louro se interessou e disse: “ah rapaz, nós vamos viajar.” Eu digo: “mas rapaz, você tem o teu colega.” Ele disse: “não, não tenho, foi porque eu estava sem parceiro e passei na casa dele e ele veio, mas ele tem obrigações, ele trabalha e nós vamos viajar.” Nós tudo novo... Aí eu viajei com ele, descemos a serra tudo de animal. Ele disse: “tem uns tratos e os tratos que a gente tem fazemos nós três, depois a gente viaja, ele fica.” Aí eu viajei com ele, comecei a passar tempo fora. De dois meses passou pra três,

passou pra um ano, sem ir lá em casa, porque era difícil, não tinha transporte. Transporte, onde era tradicional, era sessenta quilômetros de distância, na Paraíba, em Cajazeiras. Depois que fizeram embaixo da serra, mas que estrada esburacada, pra subir a serra só no tempo do verão, quando consertava a buaqueira. Era trabalho. Hoje está uma beleza, mas foi sofrido. Mas foi bom, gostoso. Aí me adaptei no sertão do Ceará de novo. Aí em rádio, Iracema do Iguatu, Araripe do Crato.

Domingos: E a Cantoria, ela tem vários gêneros?

Zé Moacir: Tem gêneros. O gênero principal é a sextilha, é o início da Cantoria. Que a gente vai cantar, mas sem ser apresentação... Porque às vezes a gente vai fazer uma apresentação e canta pro povo mais moderno, já canta um balançado, que tem várias modalidades de balançado. Agora a sextilha é a principal, quando você vai a uma Cantoria ou vai pra um festival, é a sextilha, o mote em sete sílabas, que chamam mote em sete, e o decassílabo, que é dez por trinta. Esse é mais pesado. São os três principais. Depois uma modalidade encerra o festival, a apresentação, aí vem outra dupla, mas a mesma coisa. O assunto vem no papel: “assunto tal.” Aí você vai improvisar naquele assunto, certo? Aí vem o mote deles lá: “A dor da separação / Nem a medicina cura.” Esse é o mote. Aí você faz o trabalho e termina nele, que é o seu pedido. Esse é antigo, um mote que diz: “Fumando o cigarro da saudade / E a fumaça escrevendo o nome dela.” Um mote muito bonito... Cantava sobre o quê fazia com a namorada, que passeava, o jeito que namorava escondido, por cartinha, aí viajava “Fumando o cigarro da saudade / E a fumaça escrevendo o nome dela.” E assim é a Cantoria. E tem o Coqueiro da Bahia, com um refrão que diz:

[Canta e dedilha na viola dinâmica:]

*Coqueiro da Bahia quero ver meu bem agora,
Coqueiro da Bahia quero ver meu bem agora
Quer ir mais eu vamos, quer ir mais eu vambora,
quer ir mais eu vamos, quer ir mais eu vambora,
quer ir mais eu vamos, quer ir mais eu vambora.*

Zé Moacir: É bonito. Aí canta o quê que vai fazer... Esse já é o termino da Cantoria. Aí tem “Voa sabiá”, outra modalidade: “Voa sabiá do galho da laranjeira / Que a pedra da baladeira vem voando pelo ar.” É também refrão. Aí tem “Meu povo muito obrigado / Adeus até outro dia”. Isso é a gente se despedindo no final da Cantoria, modalidade também. Hoje em dia caiu, não estão usando mais, o partidário. Naquela época a gente cantava, o povo era consciente, eles colocavam na bandeja, todo mundo que estava na fila pagava, dava aquela contribuição... Aí terminava a Cantoria e um outro ainda saía, porque tinha alguém fora com uma bandejinha: “fulano, você não compareceu com os cantadores.” Quando terminava aquilo ali cantava um partido casado solteiro. Um defendendo o casado, outro defendendo o solteiro. Ali nenhum queria perder. Tomava um quentinho, alguma coisa, já estava quente: “não, hoje o casado não ganha!” Aí vinha outro casado lá: “hoje solteiro aqui não quero nem

ver!” Aí a gente falava no nome do cara, que fulano não deixa, fulano não deixa... Rapaz, aquilo dava mais dinheiro do que o principal. Aí tinha as canções, várias... Às vezes tinha alguém que pedia um romance. Na época de sessenta, até setenta ainda tinha, cantavam romance, que é o Cordel. Mas terminou porque é muito extenso e aí fica o outro parado, quando não canta os dois, porque os jovens não cantam romance. E os antigos vão cantar, o outro fica parado. É, ele não acompanha, acabou. A canção canta porque é curtinha, um canta, o outro canta outra, pedidos. Tem muitas canções bonitas, é muito bom.

Domingos: O senhor lembra de algum romance?

Zé Moacir: Pra cantar?

Domingos: É, um trequinho de um romance?

Zé Moacir: É... É muito difícil eu dizer agora. Eram uns poetas muito bons: Martins de Ataíde, João Milanês, tem uns romances bons. Olha, tinha um que eu gostava muito, “O Direito da Vingança e o Poder do Destino”, em que ele dizia: “Ó Deus, mandai-me uma luz de um claro labastino, para contar uma história que aprendi desde menino, o direito da vingança e o poder do destino.” Era uma coisa linda, poesia completa... Contava a história de dois generais. E tem também “Os Martírios de Genoveva”, isso muita gente cantava, o sofrimento. Que hoje o povo não tem mais sentimento, porque todo dia você liga a televisão é o que passa: “fulano, marido matou a mulher”. Mas naquela época, quando havia um acontecimento, o camarada escrevia um romance. Era tipo jornal, o Cordel, o que chamamos hoje em dia o romance.

Domingos: E a sextilha o senhor pode dar uma palhinha pra gente de sextilha?

Zé Moacir:

[Toca a viola dinâmica e canta:]

*Eu que me acho sentado
Num banco úmido de feira
Mas nesse meu improviso
Digo até uma brincadeira
Porque hoje um Domingo
Chegou na segunda-feira*

*Daniel por brincadeira
Também está ao lado
Pedi pra Zé Moacir
Fazer um improvisado
E eu cantar o presente
Sem esquecer meu passado.*

*Sara que está ao lado
Ouvindo aí muito bem
Forma uma gravação
Que com critério contém
Para levar o produto
E representar para alguém.*

*Regina pensando bem
Eu admiro Regina
É uma brasiliense
Ela não é nordestina
Mas onde tem poesia
Esse critério domina.*

Zé Moacir: Essa é a sextilha, esse é o sistema da gente cantar pro Nordeste falar no nome do povo. Falei em vocês, gravei o nome e passei. É bem improvisado... Esse é o improvisado das sextilhas e do trabalho da gente.

Domingos: Qual é a história dessa viola que o senhor está usando?

Zé Moacir: Essa viola... Essa viola é uma coisa de um apego que a gente tem à amizade. Eu comprei uma viola dinâmica, a *Del Vecchio*, das primeiras que chegaram em Brasília. Você tinha que ir atrás de uma boca, a gente chama boca, não tinha dessa [viola dinâmica]. Aí apareceu, eu comprei uma, teve um colega que comprou outra e outro, compraram, pronto. Chegou um elemento, Miguel Bezerra, era muito conhecido. Ele é muito divulgado, Miguel Bezerra, ele mora no Rio de Janeiro, mas canta na feira de São Cristóvão. E lá na feira de São Cristóvão tem um lugar de forró, tem lugar de Cantoria, lá tem de tudo, você conhece o Rio? É muito bonito e importante, eu já fui lá. E Miguel Bezerra veio aqui fazer um festival que teve aqui. E ele veio, viu a viola, essa que era sete bocas, certo? Era, na época era isso. Aí em 86, parece que foi em oitenta e por aí assim, não estou lembrado. Aí: “Zé Moacir, vamos trocar as violas?” Eu digo: “Troco não, minha viola é muito boa, eu comprei”. “Rapaz vamos trocar, pra eu levar uma lembrança sua, Zé.” Eu digo: “você pode levar a lembrança. Mas eu não...” “Vamos trocar! Eu faço um negócio bom, essa minha viola é muito boa, mas é só pra ficar por recordação: a viola foi de Zé Moacir.” Porque a primeira Cantoria que ele assistiu, menino, foi a minha e a de Louro Branco. Aliás, de cantador de fora, porque o pai dele cantava também um pouco, mas é naquele estilo mais diferente e tal. Aí eu mais Louro Branco, nós cantamos na casa dele, do Cícero, e passou muito tempo sem a gente se encontrar. Então ele veio com a viola e pediu pra trocar. Eu digo: “pois vamos trocar, está aí, leva!” Eu tenho até hoje, está com mais de vinte anos. E a dele, que nada, tanto que ele jogou fora... Era só porque tinha mais valor comercial, porque era mais nova e vendeu tudo. Eu digo: “ah, camarada, mas eu tive sorte muito boa, eu fui no Ceará e tem um camarada lá que faz viola.” Aí eu disse a ele: “eu quero que você reproduza essa viola. Tem como colocar

quatorze bocas?” Ele diz: “tem, você traga os pedaços de viola, eu faço. E você não trazendo nada, se quiser a viola, eu faço a viola. Qual é a cor?” Aí eu digo: “Antônio Torquato, você faça como que seja pra você”. Aí ele pegou: “pois deixe comigo, eu tenho uma cor muito bonita que eu estou usando muito e vou fazer na sua viola.” Aí fez a viola... Eu tive que comprar com a família e ficava distante, ele veio deixar numa cidade próxima da que eu estava, Mombaça, no Ceará. E ele trabalha em Parambú, então ele veio, passou Tauá... É setenta e dois quilômetros pra lá, ele veio de moto deixar e eu fui receber essa viola. Já está precisando [ajustar], mas eu não mando ninguém nada a não ser nele lá. Ele disse: “algum problema você traz aqui que nós renovamos ela de novo.” Eu digo: “está bom.” É essa a minha viola. Eu quero um bem rapaz... E eu me adaptei tanto com ela, parece que ela se acostumou a mim... Que eu pego noutra viola eu acho diferente, ruim, não é boa como a minha. A minha é gostosa. Eu acho.

Domingos: E quando o senhor está tocando e cantando o que o senhor sente, qual é a emoção?

Zé Moacir: É. A emoção maior do mundo é o povo gostar. Quando você canta, que o povo aplaude, escuta bem, você se inspira... Você encontra o que dizer pela natureza, pelo formato. Eu não sei do seu nome, mas sei a cor do seu sapato porque estou vendo; o seu óculos, usa óculos porque tem uma certa deficiência visual, e tal e tal; usa barba por capricho da natureza, cabelos longos porque é moda do jovem, uma hipótese, não é? E a camisa de tal tipo, gosta de usar [roupa] decente, é assim... Aí eu faço a Cantoria e a sextilha todinha com o pessoal que está presente. Aquele cidadão chegou [*refere-se a uma pessoa assistindo a entrevista*], gosta tanto de Cantoria que ele fica observando a gente. Você vai e improvisa pra ele, como eu fiz aqueles improvisos com vocês... Eu tinha algo feito? Não. Eu sabia o nome de vocês? Não, é o improviso, é a Cantoria. E vocês admirando, vocês prestigiaram e aí eu cantei, até que não ficou diferente de Cantoria. Por que na Cantoria de dois, o outro vai cantar e você vê o assunto que está, aí monta os versos e aquilo ali fica bem intercalado. É o que tenho a dizer da Cantoria.

Domingos: E pra ser um bom cantador?

Zé Moacir: Pra ser um bom cantador deve ser amante do que faz. Você fazer um trabalho pensando noutro, você não faz o que presta. Você tem que ter amor... Que a poesia já tem um nome, poesia é amor. Quantos poetas deixaram fortunas e seguiram a poesia por amar. É. Amor à poesia. Você amando o que faz você faz com perfeição. Você não teve amor no que faz, não será nunca um bom profissional naquela área. Se for fazer a sua apresentação pensando no poder aquisitivo, você canta pouco, se inspira pouco. Você vai fazer com prazer de agradar o povo, você canta mais. Eu gosto muito de um poeta do Rio Grande do Norte, faleceu um tempo desses, ele escrevia uns poemas matutos de primeira linha, Louro Branco escreveu muitos. É Luiz Campos, ele é de Mossoró, no Rio Grande do Norte. Ele escreveu um que o título é: “Me enganei com minha noiva.” Ele já é antigo, eu não sei se vocês já ouviram... “Eu e Vicença.” É todo matuto, com um linguajar do pessoal do interior que não

sabia falar, conversar, as palavras todas são: “*pro mode*”, “*que nem*”, “*proquê*”, “*donde*”. Essas coisas assim, mas perfeitamente o povo já sabe o que ele quis dizer. Vou recitar pra vocês, tem um tempinho ainda. Ele disse:

[Recita poema “Me enganei com minha noiva”, de autoria de Luiz Campos:]

*Onde eu sorteiro vivia era o maior aperreio,
além de ser muito feio, as moça não me queria.
Pra toda festa que eu ia com um camarada meu,
ele confiava neu, ia beber e jogar, fazer bagunça e brigar,
quem ia preso era eu.*

*Pro mode, arranjar namoro era danado de mole,
cantava, tocava fole, usava um cabelo louro,
a boca cheia de ouro quilara que nem o dia.
Naquelas festa que eu ia, cheirava que nem uma rosa,
mas quando eu falava em prosa as moças não me queria.*

*Eu disse foi catimbó que alguém botou e não sai,
mamãe casou com papai, vovô casou com vovó,
inté meu mano Chicó, muito mais feio de que eu,
namorou, casou, viveu com duas mulher inté.
Só eu não acho muié que queira se encostar neu.*

*Mas Deus do céu descuidou-se, o satanás se esqueceu,
Vicença me apareceu com os zói de bico doce.
O nosso amor misturou-se
que nem feijão com arroz.
Se abofelemo os dois num amor tão violento
que marquemo casamento pra sete dias depois.*

*Na hora de se arrumar quase endoideço pro ela,
dei de garrado na mão dela, fomo pra igreja casar.
Quando chegemo no altar o padre botou as bença,
jurei no nome da crença ser fié à minha esposa.
O padre disse umas coisas e fui drumi mais Vicença.*

*Numa casinha singela fui logo me agasalhando,
proque já estava pensando de dormir com a costela.
Vicença fez uma novela lá dentro da camarinha,
quebrou uns troço que tinha, me ameaçou na bala.
Findei drumindo na sala e Vicença na cozinha.*

*Fiquei com muito desgosto proque Vicença fez isso,
de manhã fui pro serviço, voltei pra casa o sol posto,
mas ainda tive um gosto, Vicença me arrecebeu,
inté um café freveu, botou pra nós dois tomar,
mas na hora de deitar nem sequer olhou pra eu.*

*Da vida perdi a crença de nome disse bem trinta,
botei a faca na cinta e fui falar com Vicença.
Vicença deu uma doença quando eu falei em amor
e foi dizendo o senhor pensa que eu sou o quê?
Eu só casei com micê modo de fazer um favor.*

*Taquei Vicença no chão, abri ligeiro a casaca,
puxei a lapa de faca cortei da calça o cordão,
Vicença tinha razão pro que aconteceu.
Não era com nojo deu e nem por não ser sincera,
querem saber pro que era? Era macho que nem eu!*

[Risos.]

Domingos: Seu Zé, será que não dá pro senhor fazer só uma palhinha de alguma coisa cantada?

Zé Moacir: Eu vou cantar uma canção de minha autoria.

[Toca na viola dinâmica e canta a música “Deus imortal”, de sua autoria:]

*Quando eu era inocente
Brincando constantemente
Vi uma luz excelente
No espaço a clarear*

*E estando ao lado
Do meu avô estimado
Como vivo interessado
Comecei a perguntar*

*Vovô que luz é aquela
Tão alta redonda e bela
Sem nada segura ela
Será que ela não cai*

*Não filho aquela grandeza
É a lua de beleza*

*É obra da natureza
Feita por Deus nosso pai*

*Certo dia procurei
A lua e não avistei
Inocente perguntei
Vovô, a lua morreu?*

*Não filho ela não falece
Apenas desaparece
Dias mingua e dias cresce
Mas não morre como eu*

*Que hoje estou ao seu lado
Contando dela o tratado
Um dia serei finado
Irei para a sepultura*

*No dia da minha morte
Tavez você tenha sorte
De a ver ainda mais forte
Brilhando na mesma altura*

*E assim aconteceu
Quando meu avô morreu
A lua resplandeceu
Com o seu claro perfeito*

*Vejo agora o resultado
Vovô morto sepultado
Eu já velho acabrunhado
E a lua do mesmo jeito*

Zé Moacir: É essa é de minha autoria, uma canção que eu fiz. Tem outras e outras, mas é assim mesmo!

Domingos: Seu Zé, o que é a memória?

Zé Moacir: A memória é a arma fundamental do repentista. Você desmemoriado você não faz... Você dá um mote que ele precisa de saber pra fazer e depois rimar aquelas duas palavrinhas que você pediu, você esquece. Não memoriza, certo? A memória cansa e você... Pra mim, o principal do homem é a memória. Você vai a um endereço e esquece o papel em casa, chega lá: “ah, esqueci!” Aí lembra que esqueceu... Lembra que esqueceu! Aí, como é que acha esse endereço para onde você vai? Não tem. Ou grava, hoje em dia, no celular... E esquece o celular em casa! Se você lê, mas não tem intenção de gravar aquilo, aquilo passa,

you não memoriza ele, you não gostou. A memória é isso... You memoriza aquilo que quer ou aquilo que é muito ruim pra you contar para outro. É a função da memória, recordar quem you foi, como foram seus pais quando you nasceu... É a memória. You memoriza um trabalho, uma canção, no meu caso, de outro autor. Aí you vai cantar a canção tal, sem lembrar de letra, da música, porque é tudo diferente... O camarada desmemoriado não canta não! Não tem jeito! É a peça fundamental do artista e de qualquer criatura. Se you tem uma namorada esquece do nome dela... Hoje é mais difícil porque tem o celular, é só olhar... "Ah, é!" *[Risos.]* Mas é assim mesmo, memória é muito bom.

Domingos: E o que é a vida?

Zé Moacir: A vida... A vida é uma companheira. A vida é um tempo determinado pra sua convivência. É tudo que o homem tem de bem, é a vida. Conserve a vida. Procure amizades, conviva com o pessoal, com o ser humano, porque you não sabe o seu dia, da morte, da separação definitiva. You trabalha em função de riquezas, sua vida é aquela, you não tem vida. Eu me sinto tão bem... You vê, eu chego numa região e procuro os cantadores. Porque é minha vida. Aí aqueles cantadores, "mas rapaz, vem pra cá, aqui é assim, assim, tal, vamos cantar comigo, vamos!" Aí já vem um assunto totalmente diferente do que se you tivesse ficado num canto só. Eu vou pra São Paulo, vou pra onde? Pra onde estão os cantadores. Chego no Rio: "onde é que encontro os cantadores aqui?" Na feira de São Cristóvão que eles têm lá... Porque além de encontrar os cantadores, os colegas, os adeptos de Cantoria vão pra lá, pois lá é que pegam o telefone de cantador... "You tem o telefone do cantador tal?" "Tem". O outro tem, fornece pra ele, aí é aquela... É a vida. Eu fiz uma Cantoria aqui no município de Goiás, na casa de um nordestino do Rio Grande do Norte, um potiguar. Aí chegou um rapaz, um rapaz de uns trinta anos. Baixinho, barbudo, a barba assim, chapeuzinho pequeno. Nós sempre gostamos, nordestino tradicional sempre tem um chapéu. Ele não anda sem um chapéu. Pode procurar, onde tiver um que tem um chapéu... É tradição do nordestino, pode ser onde for. Quando não é de couro é de pano ou de massa, ou é de "prada", é um bocado de bonito. Agora está mais caro, mas eu tenho em casa, vou sair pra todo canto eu uso. Até uso também um chapéu, assim, de tradição. E chegou esse rapaz com o chapeuzinho daquele "prada" e tal... Viu o povo pagar todo o dinheiro na bandeja, pediu uma cerveja, chegou um outro lá, pediu um mote, a gente cantou. Aí ele veio de lá e disse: "fale que quem usa barba não tem capricho, é um homem sem prestar." *[Dedilha a viola]*. Bati na viola, eu e o outro, a cantar "quem usa barba é isso, aquilo, aquele outro, não tem higiene..." A gente caça defeito pra colocar. Não é o caso, mas é isso, é aquilo, é aquilo outro - é pra falar que não prestava. Aí paremos, dissemos muita coisa feia. Ele pagou e disse: "muito bem, agora fale..." (ele queria experimentar a gente, foi um experimento que ele fez), "fale que quem usa barba é um homem de capricho." Aí já estava tudo mais cômodo pra gente falar mais bem do que falar mal. Então pronto, a gente procurou: "antigamente o cabelo do bigode servia de documento... Hoje quem tem a barba tem o respeito... Os antigos não tiravam a barba porque era tradição... Era reconhecido como um chefe de lugar... Jesus nunca usou barba... Moisés... A força de Sansão estava na

barba, a barba grande...” Aí, pronto. Ele veio, pagou de novo, e então eu lhe disse: “você é do Nordeste, de onde?” Ele disse: “não, sou daqui, nasci aqui em Cezarina de Goiás, mas eu gosto do que é bom!”
